**Uma necessária conversão para uma “Ecologia integral!”**

Alain Thomasset, sj

Centre Sèvres – Facultés Jésuites de Paris

Trad. Profa. Dra. Alzirinha Souza

Resumo

Este texto é proveniente da Conferência pronunciada pelo Prof. Dr. Alain Thomasset sj, em Novembro de 2017 na UNICAP. Trata-se de uma reflexão aprofundada e um estudo detalhado, não somente dos elementos que dizem respeito a seu título, bem como sobre os elementos que permeiam a Encíclia Laudato Si', e como estes fazem relação com os predecesores de Francisco, de João XXIII a Bento XVI, ao mesmo tempo em que identificam a linha eclesiólogia assumida por ele na condução da Igreja em seu papado.

Palavras-chave: Francisco, Laudato Sí, conversão integral, casa comum e cuidado.

Abstract :

.

This text comes from the lecture announced by Prof. Dr. Alain Thomasset sj, on November/2017 placed at UNICAP. It is an in-depth reflection and a detailed study, not only on the elements related to such title, but as well on the elements permeating the encyclical Laudato Si', and the way they link themselves with the predecessors of Francis, John XXIII, Benedict XVI, along with they identify themselves with the ecclesiological line assumed by him for the guidance of the Church as per his papacy.

Keywords: Francis, Laudato Si', integral conversion, common home and care.

Introdução

A Encíclica do Papa Francisco *Laudato Sí,* publicada em Maio de 2015[[1]](#footnote-1), nos chama a “ assumir o cuidado com nossa casa comum”[[2]](#footnote-2), porque a terra é doente e os pobres são os primeiros a sofrer! Nesta carta, o Papa Francisco convida “cada pessoa que habita sobre o planeta” (LS,3) a uma vida tomada pela consciência da gravidade da situação e da necessidade de uma “conversão que nos una a todos” (LS,14) em vista de uma ação responsável. “O que acontece nesse momento nos coloca face a urgência de avançar em uma revolução cultural corajosa” (LS,114), por uma “ecologia integral” que preserve a criação, leve a um combate para a justiça em direção aos pobres e redescubra o caminho interior de paz e alegria.

Nossa “irmã e mãe terra” (LS,1), como chama Francisco de Assis é bela. Ela nos convida a louvar o Criador, mas ela está ferida e geme “por causa dos desgastes que nós a causamos pela utilização irresponsável e pelo abuso dos bens que Deus depositou nela” (LG,2) . Ninguém duvida que esse documento é de gande importância para todos aqueles cristãos ou não, que se mobilizam para “salvar o planeta”.Neste estudo, eu desejo por um lado destacar a originalidade do documento pontifício, essencial para o pensamento ecológico contemporâneo e demonstrar suas articulações essenciais, e por outro lado, destacar suas argumentações teológicas[[3]](#footnote-3).

1. **Um documento magisterial novo em seu conteúdo e forma**
2. Um texto que se insere dentro de um contexto de urgência

Essa Encíclica se insere dentro de um contexto de urgência. A crise ecológica tomou uma amplitude inquietante. No momento onde se preparava a adoção de novos objetivos para o desenvolvimento durável e cinco meses antes da Reunião de Paris da Conferência das Nações Unidas sobre a mudança climática ( COP 21 foi realizada em Paris em Dezembro de 2015), o surgimento deste texto quis contribuir para a necessária conversão dos espíritos com afim de encontrar soluções globais eficazes. Como a seu tempo João XXIII no documento *Pacem in terris*[[4]](#footnote-4) se dirigiu a todos “os homnes de boa vontade” para fazer frente a ameaça da guerra nuclear e oferecer um caminho de paz (LS,3), Francisco afronta hoje a crise do ambiente propondo um diálogo com todos, agregando a este as fontes da tradição cristã. Frente a lentidão das negociações e à dificulade dos Estados renunciar a seus interesses imediatos, a espera de uma palavra da Igreja era forte por parte das instituições internacionais e das organizações que se abrem a um desenvolvimento durável.

As reações, foram entusiastas por parte de um grande número de pessoas pouco inclinadas a cantar louvores à Igreja. A imprensa saudou fortemente este texto do Papa. Muitos atores, de instituições como o Banco Mundial ou personalidades como o atual ministro da Ecologia Nicolas Hulot[[5]](#footnote-5) ou o antigo ministro Pascal Canfin haviam já indicado quanto as tradições espirituais poderiam jogar um papel importante dentro do debate mundial sobre a transição ecológica.

*Laudato Sí* é o primeiro documento pontifício de importância consagrado a este tema . Se numerosos cristãos, em particular os jovens, se mobilizaram estes últimos anos sobre as questões ecológicas, é verdade que poucas reflexões centradas sobre esse tema tinham sido publicadas pelas autoridades da Igreja Católica. Nesse domínio, as Igrejas Protestantes e Ortodoxas fizeram a obra precursora. Já em 1989, a Bali, o movimento ecumênico tinha vivido uma verdadeira virada ambiental, anexando o binômio clássico “Justiça” e “paz”, o campo novo do respeito da “intergralidade” do planeta[[6]](#footnote-6). Em 2002, o Patriarca Ortodoxo Bartolomeu I, conjuntamente com o Papa João Paulo II, lançava “ o apelo de Veneza” para uma conversão dos modos de vida e uma ética ecológica[[7]](#footnote-7).

Na Igreja Católica, são sobretudo os discursos de Paulo VI à FAO em 1970[[8]](#footnote-8), as duas mensagens para as Jornadas Mundiais da Paz ( de João Paulo em 1990 II e Bento XVI em 2010)[[9]](#footnote-9), assim que a tomada de posição de diversas conferencia episcopais ( entre elas a de França em 2010)[[10]](#footnote-10), que serviram de referência. Com esta Encíclica, o Papa Francisco, não somente vem completar a falta de texto aprofundado e de autoridade universal, mas ele dá um impulso maior para a reflexão cristã sobre o ambiente a crise social que se ligada a ela.

1. Uma herança e uma novidade

Neste documento onde o Papa declara que ele “se soma ao Magistério social da Igreja” (LS,15), se inscreve dentro da Tradição. É assim que ele retoma longamente a contribuição de seus predecessores e se propõe a completar a reflexão do ensinamento social da Igreja aplicando seus grandes princípios (destinação universal dos bens, busca do bem comum, justiça social, solidariedade, subsidariedade…) na busca de ecologia integral. Mas - e é aqui uma atenção nova já manifestada na Exortação *Evangelii gaudium* – ele cita também numerosas conferências de diversos continentes, mostrando assim seu desejo de recolher a experiência dos cristãos, em particular, daqueles de países pobres,os mais atingidos pela crise que se avança. É necessário igualmente destacar a importância dada as contribuições da ciência na análise da situação ( sobretudo no Capítulo I), assim como a homenagem dada ao Patriarca ortodoxo Bartolomeu (LS,8-9), e a citação de sábio musulmano sufi (LS,233). Dentro de um estilo pessoal, simples, envolvido por numerosas referencias a via ordinária, Francisco coloca em ação a arte da conversa e do diálogo com todos aqueles que desejam se desenvolver dentro da sociedade e dentro da Igreja, este tema e suas questões.

Mas esse tom particular é muito mais que uma mudança de estilo literário. A exemplo do que fez em *Evangelii Gaudium* (2013) e o que desenvolvera em seguida em Amoris Laetitia (2016), o Papa, pelo seu estilo de escritura, opera uma mudança na maneira de fazer o ensinamento social da Igreja.

Insistindo sobre a necessidade de abordar a vida real e a experiência concreta dos crente e dos humanos, fazendo um chamado não somente a suas inteligências mas também a suas afetividades e a seus sentidos, ele suscita verdadeiras decisões pessoais e coletivas. Como disse Christoph Theobald: “ Graças ao estilo dos textos, próximo na maneira de se dirigir oralmente a seus interlocutores, ele nos faz fazer um verdadeiro percurso “espiritual”, um percurso de conversão”[[11]](#footnote-11). A forma do texto ao serviço de sua intenção de nos colocar em movimento, de seu problema de inciar os “processos” antes que propor uma síntese concluída ( LS, 121).

Documento consequente, mas que é fácil de ler, a Encíclica compreende seis capítulos onde alterna sucessivamente a análise social do mundo e referências a riqueza da tradição cristã. Uma outra maneira de exprimir esse diálogo entre Igreja e mundo que o Concílio Vaticano II havia colocado em *Gaudium er Spes*. Encontramos também o método do documento conciliar : ver, julgar e agir.

O primeiro capítulo estuda os diversos elementos da crise ecológica tomando em conta “os melhores resultados da pesquisa científica” (LS,15). É assim a primeira vez que os temas da mudança climática ou o da biodiversidade são abordados pelo Magistério Romano. Vem em seguida uma meditação sobre “o Evangelho da criação” (Cap II), verdadeiro percurso bíblico que indica as luzes da fé sobre a menira de ver o mundo como um dom do Criador e o habiar em harmonia com todas as criaturas. O Cap III, se volta sobre a análise das causas profundas da crise ecológica, denunciando notadamente a tirania do “paradgma tecnocrático” mas também as raízes presentes nas doenças do coração humano: o egoísmo, a indiferença ou o “relativismo prático”, reflexo do “antropocentrismo desviado”. O Cap IV, verdadeiro pivô da reflexão, expõe a concepção do Papa Francisco de uma “ecologia integral” que toma em consideração múltiplas dimensões: ambiental mas também econômica, social, cultual e espiritual. As diferentes relações entre as criaturas e seus ambientes mas também a questão da probreza, das inegalidades e dos modos de vida são postos em evidência. A luz dessa visão original e global, o Cap V expõe algumas linhas de orientação e de ação. Elas se fundam sobre um “diálogo” renovado tanto a nível das políticas nacionais e internacionais , e nas ações locais que nos faz referência a todos. O Cap VI se volta por último, sobre as motivações e a educação necessárias para tocar nossa conversão interior em vista de novos modos de vida. A “espiritualidade ecológica” indispensável para a ação pode receber muito da contribuição dos tesouros da tradição cristã.

Cada capítulo possui sua própria temática e seu método mas - o papa destaca - é retomado a partir de uma nova ótica das questões e “dos temas que atravessam toda a Encíclica”. É o caso notadamente de : “ a intima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção que tudo é ligado ao mundo; a crítica do novo paragdma e formas de poder que derivam da tecnologia; o convite a buscar outras formas de compreender a economia e o progresso; o valor próprio de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a grave responsabilidade da política internacional e local; a cultura do descarte e a proposição de um novo estilo de vida “ (LS,16). São chaves de leitura que nos são dadas para nos apropriarmos deste documento. Tomaremos agora alguns de seus temas.

1. **Alguns temas centrais**
2. Tudo é ligado: uma aproximação integral

“Tudo é ligado”: a expressão volta constantemente sobre a escrita de Francisco. Ele revela a profunda unidade de um texto que poderia, a primeira vista, parecer homogêneo . A questão ecológica é certamente central mas ela não é jamais separada das outras questões essenciais que o Papa deseja abordar: a justiça a respeito dos pobres, os modos de vida e de consumo, as razões de viver neste mundo. Com efeito, nossa maneira de habitar o mundo toca a nossa relação com a natureza e as outras criaturas, mas também a nossos irmãos humanos, a nos mesmos e finalmente a Deus ( LS, 10-237). A expressão original, presente no título: a “casa comum” indica bem essa ligação íntima que Papa destaca entre ecologia , justiça social, ética e espiritualidade. A ecologia é ela mesma uma ciência de relações mulitformes entre as espécies e seus ambientes, mas nós somos convidados a ampliar ainda nosso olhar. A terra é uma casa, e se trata de repeitar e habitar juntos.

A propósito do vínculo entre ecologia e justiça social o papa insiste com fórmulas tocantes como: “ uma verdadeira aproximação ecológica se transforma sempre em uma aproximação social […] para escutar tanto o clamor da terra que o clamor dos pobres (LS, 49) . Porque os pobres são constantemente as primeiras vítimas das mudanças climáticas e do empobrecimento dos ecosistemas. Eles são aqueles que não podem esperar ( LS, 162). Ao mesmo tempo “a cultura do descarte afeta também as pessoas excluidas e as coisas, rapidamente transformadas em lixo” (LS,22) e a maneira de tratar as criaturas é as vezes sintomática de nossa relação com os seres humanos (LS, 92). Assim bem : “ Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma só e complexa crise sócio-ambiental. As possibilidades de solução requerem um aproximação integral para combater a pobreza, para dar dignidade aos excluídos e simultaneamente para preservar a natureza” (LS, 139 ) . A Bíblia não nos ensina que “ quando a justiça não habita sobre a terra (…) toda a vida é em perigo ?” (LS,70).

A crise ecológica é também uma crise humana e moral : “a degradação do ambiente como a degradação humana e ética são intimamente ligadas” (LS, 56) . Como nós queremos viver e segundo quais valores? Qual solidariedade com os pobres e com as gerações que vem? O sistema econômico e social do mundo atual “ é insustentável por diversos pontos de vista, porque nós deixamos de pensar sobre os fins das ações humanas” (LS,61). De mesmo a questão ecológica é no fundo uma questão espiritual : “ porque passamos nós neste mundo, porque vem a nós essa vida, para que nós trabalhamos e lutamos e porque essa vida tem necessidade de nós? (…). È um drama para nós mesmos, porque isso coloca em crise o sentido de nossa própria passagem sobre essa terra” (LS, 160). A figura do *poverello* Francisco de Assis que o Papa coloca em valor (LS, 10-12) e de onde ele tomou seu nome, ilustra o problema de não separar o amor à natureza, amor aos pobres e paz interior no louvor ao Criador de todas as coisas.

Tal é o sentido da expressão “ecologia integral” o tema do capítulo central da Encíclica[[12]](#footnote-12). Ela faz eco a aquela do “desenvolvimento integral” colocado antes por Paulo VI em Populorum Progressio[[13]](#footnote-13) . Trata-se de salvar o planeta ameaçado por numerosos males, é necessário igualmente reduzir as inegalidades (LS,138-142), salvaguardar as riquezas culturais (LS,143-146), promover uma ecologia da vida cotidiana e do quadro da vida (LS,147-155). Estes diferentes objetivos, longe de se opor, se completam se apoiam mutuamente. Uma vez que tudo é ligado, é necessário tudo integrar. É dentro desse quadro que toma lugar uma “ecologia humana” que convida o homem a acolher e tomar cuidado de seu próprio corpo como um dom recebido de Deus, como todo o conjunto da Criação (LS,155). Um convite também a aceitar alegremente o dom específico do outro, homem ou mulher, dentro de sua alteridade e tomar cuidado do bem comum (LS, 156-158). Se tudo é ligado é finalmente porque tudo é dado.

1. As causas humanas do mal presente

O Papa faz uma análise particularmente lúcida da situação atual. Dentro do primeiro capítulo que explora “ o que se passa dentro da nossa casa”, com o aquecimento climático, ele lembra claramente que “a maior grande parte do aquecimento global das últimas décadas foi dado a grande concentração de gaz de efeito estufa (…) emitidos sobretudo por causa da atividade humana” (LS,23). Uma tomada de posição, a primeira do papado sobre esse tema, importante, quando numerosos de céticos-climáticos, continuam a negar essa realidade, os Estados Unidos em particular. Ele chama então a mudar nosso modo de vida, sabendo que essa tarefa não é fácil, porque as raízes da resistência são profundas.

Entre os eixos que atravessam toda sua Encíclica, o papa menciona “ a crítica do novo paradgma e formas de poder que derivam da tecnologia” e “o convite a buscar outras formas de compreender a economia e o progresso”. Com efeito, Francisco desenvolve uma crítica original do que ele denomina “ paradgma teconocrático dominante” que tende a fazer da “metodologia e dos objetivos da tecnociência um paradgma de compreensão que condiciona a vida das pessoas e o funcionamento da sociedade” (LS,107). Não se trata para ele de negar as contribuições preciosas da tecnologia, não se trata de “ retornar a idade das cavernas” (LS,114), nem mesmo de lhes ignorar a beleza : “ podemos nós negar a beleza de uma avião, ou de certos arranha-céus?” (LS, 103), vai ele até dizer!

O problema vem, de que essa maneira se pensar se tornou “homogênea e unidimensional” (LS,106) e que ela convida a apreender todas as coisas incluindo o ser humano, sobre o mode de utilidade, de eficácia e de manipulação dominadora. O teólogo alemão Romano Guardini (1885-1968) que inspirou Bento XVI, e sua obra com olhares proféticos *La fin des temps modernes*[[14]](#footnote-14) serve aqui como guia dentro dessa denúncia.

Outras análises mais contemporâneas da técnica teriam podido ser evocadas, mas a intuição central é vigorosa que mostra o vínculo entre uma idolatria da tecnociência e do mercado, uma “financiação” excessiva da economia e uma cultura do consumo sem limites (LS, 104ss). Aqui também o propósito é vivo: “ Tudo o que é frágil como o ambiente, resta sem defesa em ralação aos interesses do mercado divinizado, transformados em regras absolutas” (LG,56) ou ainda “ A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do proveito, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano. As finanças sufocam a economia real. As lições da crise financeira mundial não foram retidas” (LG, 109). O Papa é severo com os dirigentes e os poderosos deste mundo que fazem passar seus interesses antes da busca do bem comum e destaca o “ drama da imediatização política” (LG,178) que resite a pensar além do curto-termo.

O diagnóstico não pára enquanto as grandes causas estruturais da crise, mas ele descobre suas raízes dentro das doenças do coração do homem. “A violência que há dentro do coração humano ferido pelo pecado se manifesta também através dos sintomas de doença que nós observamos no sol, na água, no ar e nos seres vivos” (LS,2) . Aqui ainda tudo é ligado. Francisco destaca as tendências egoístas, os comportamentos individualistas ou consumistas que “distraem” as pessoas, as “fragilizam” e as “cegam” face aos problemas do momento (LG,56-59). “Quando as pessoas se tornam autoreferenciais e se isolam em suas próprias consciências, elas asseveram sua voracidade. Com efeito, quanto mais o coração da pessoa se esfazia, mais ela tem necessidade de comprar, possuir e consumir” (LS, 204). Ao inverso, quando as pessoas se abrem generosamente aos outros, a contemplação da beleza do mundo, ao louvor do Criador, elas podem se engajar com alegria por uma terra melhor para todos.

Notemos enfim que é tomada em conta a acusação seguida tomada a respeito do pensamento judeu-cristão: aquele de ser a origem da mentalidade dominadora frente a natureza[[15]](#footnote-15). O convite de Gn 1,26 “ para dominar” a terra pode ser tomado como o que facilita uma exploração sem freio, mas “não é, diz o Papa Francisco, uma interpretação correta da Bíblia, como a compreensão da Igreja”. Os textos lidos dentro de seu contexto e com uma hermenêutica adequada, nos convida a “cultivar e guardar o jardim do mundo (Gn,2,15)”. (LS, 67).

O lugar particular do homem no universo, segundo o desejo de Deus, pede para ser bem compreendido e não deve dar lugar nem a um “antropocentrismo despótico” (LS,68) nem a um “bio-centrismo” que seria um novo desequilíbrio (LS,118), mas antes de uma “reciprocidade responsável entre o humano e a natureza”, no reconhecimento do “valor próprio” de cada ser vivente ( LS,69). O Papa retoma assim a maneira de interpretar o homem “senhor do universo” como sendo seu “ administrador responsável[[16]](#footnote-16)” (LS,116) .

1. As fontes e as linhas de ação para fazer face a crise

Os comentários precedentes poderiam deixar crer que o tom da Encíclica é muito pessimista, senão dramático. Certamente o documento não minimiza jamais os perigos aos quais nós somos afrontados e ele coloca sobre a situação um olhar lúcido (se trata de “graves danos” ou de “graves injustiças”) e um julgamento severo (ele denuncia a não ação, as meias-medidas ou a “alegre irresponsabilidade” de muitos). Por tudo isso o Papa não despreza jamais a capacidade de humanos de se refazer e ele quer abri uma bela esperança para o engajamento dentro da ação que se impõem a todos. O tom do texto é mesmo, por momentos, singularmente alegre, convidando ao maravilhamento, a surpresa, ao dinamismo. Para fazer frente a esta situação, a Encíclica retoma as causas do mal e oferece diferentes linhas de orientação “ linhas de orientação e de ação” (Cap V) indicando um caminho de “educação e de espiritualidade ecológicas” (Cap VI).

Em primeiro lugar, o Papa Francisco repete que não há faralidade e que os homens podem, se eles quiserem, se engajar na “conversão ecológica” cujo ele desenha os contornos. Esta passará pelo “diálogo” em todos os níveis[[17]](#footnote-17) . Em princípio a nível internacional ou as experiências positivas que já existem (como a Convenção de Viena para a proteção da camada de ozônio)[[18]](#footnote-18) , onde acordos são necessários para programar uma agricultura durável, as formas de energia renováveis, uma gestão adequada dos recursos naturais, como as florestas ou a água (LS,164-175). Diálogo igualmente em plano nacional e local, onde se trata de recolher a experiência das populações locais capazes de exercer uma pressão salutar sobre as politicas frequentemente incapazes de tomar suas responsabilidades (LS,176-181). Diálogo ainda, nos processos de decisão que devem ser transparentes e abertos a todas as partes interessadas e onde de novos habitantes devem ter um lugar privilegiado (LS, 182-188). Diálogo enfim, entre a política e a economia chamados a se colocarem a serviço da vida e não à interesses financeiros e, onde as novas formas de crenças, veem em certas partes do mundo uma descrença, devem ser imaginadas (LS, 189-198). “Convido, diz o Papa, a um debate honesto e transparente para que as necessidades particulares ou as ideologias não afetem o bem comum” (LS,188)[[19]](#footnote-19).

Nestes debates, as responsabilidades são “comuns mas diferenciadas”. Em particular os países desenvolvidos que lançaram uma enorme quantidade de gaz de efeito estufa (LS,170) tem uma “ dívida ecológica” (LS,51) a respeito dos países pobres que pour sai parte , tem por prioridade “ a erradicação da miséria e o desenvolvimento social de seus habitantes” (LS,172), desenvolvendo as formas menos poluentes de produção.

Uma solidariedade é ainda mais necessária. De mesmo que as sociedades tecnologicamente avançadas devem ser “dispostas a favorecer os comportamentos mais sobrios, reduzindo suas próprias necessidades de energia e melhorando as condições de sua utilização” (LS, 193 retomando a Bento XVI).

Falar de conversão ecológica supõe desenvolver “novas convicções atitudes e fomas de vida”. Contra os reflexos consumistas, se trata de mudar de comportamento, desenvolvendo a responsabilidade social dos consumidores: “comprar é também um ato moral” (LS,206). São ainda de “pequenas ações cotidianas” que fazem “um estilo de vida”: “reduzir o consumo de água, fazer a tiragem do lixo, cozinhar somente o se pode racionalmente comer, tratar com atenção os outros seres vivos, utilizar os transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo entre várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes inúteis” (LS,211).

Para suscitar essa “cidadania ecológica”, as leis não serão jamais suficientes. Uma educação e uma espiritualidade serão alavancadas.“É somente cultivando sólidas virtudes que o dom de si dentro de um engajamento ecológico é possível. Se uma pessoa tem o hábito de se cobrir um pouco em lugar de acender a calefação quando essa situação lhe permite consumir e dispensar, isso supõe que ela integrou convicções e sentimentos favoráveis ao ambiente” (LS,211). O Papa convida a cultivar uma “sobriedade alegre”, a “prestar atenção a beleza” que nos ajuda a “sair do pragmatismo utilitário” (LS,215).

E aqui a espiritualidade cristã pode mostrar toda sua riqueza, suscitando uma “mística que nos anima” (LS,216). As últimas páginas da Encíclica são também sem dúvida entre as mais belas, que descrevem as atitudes interiores daqueles que a imagem de Francisco de Assis, Charles de Foucault ou Teresa de Lisieux seguiram Jesus dentro de seu olhar de amor para o mundo e para os homens.

O Evangelho e a vida cristã fornecem as fontes para viver a conversão necessária: entrar em uma atitude de gratidão e gratuidade frente ao mundo recebido do amor do Pai; viver a “consciência amorosa” que Deus une todos os seres e que nós somos religados a todas as formas de vida (LS,220); crer que cada criatura reflete alguma coisa de Deus (LS,221) e que o Cristo ressuscitado habita em sua presença toda a criação; criada nele e chamada nele a sua conclusão (LS,83-99). Por seu exemplo, Jesus nos mostra essa presença amorosa aos outros em particular aos mais frágeis, e a natureza, nos fazendo marchar para uma fraternidade universal. Mas como destacara Bento XVI em Caritas in veritate, o amor dos pequenos gestos cotidianos é também “um amor civil e político” que se traduz o plano social pelas transformações estruturais[[20]](#footnote-20).

A espiritualidade cristã que convida a procurar e encontrar Deus em todos as coisas (LS,233-234) nos ajuda a melhor compreender a conexão intima entre Deus e todos os seres. E a Eucaristia como critério de todos os sacramentos, torna manifesta pelos sinais do pão e do vinho nossa relação intima com Aquele que se faz comida por nós, nos tornando capazes a nossa vez de viver a união entre nós e nos tornarmos “guardiões de toda a criação” (LS,236-237). Mesmo o mistério da Trindade, tecido das “relações subsistentes” nos ajuda a admirar as inúmeras relações onde nós somos constituídos e nos convida a uma “solidariedade global” (LS,240).

1. **Os argumentos teológicos**

Para convencer os cristãos dos fundamentos da conversão ecológica, o Papa esboça vários argumentos teológicos. Nós já apresentamos brevemente, mas convém de retomar alguns dentre eles.

1. Uma teologia dialogal

Assinalamos em primeiro lugar que para Francisco, a teologia não pretende substituir a ciência. Os dados da pesquisa científica são tomados a sério e muitos observadores fizeram remarcar quanto o texto reflete uma informação sólida, em particular sobre os temas da poluição e do clima (LS, 20-26), sobre os problemas da água (LS, 27-31) ou sobre a biodiversidade (LS, 32-42). São os dados científicos que nos ajudam a tomar consciência da gravidade de sua situação e que serve a “dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual que segue” (LS,15). Ai ainda, a reflexão parte do concreto e do real, mais ela não para, e como nós vimos, o discernimento que em primeiro ligar toma em conta a contribuição da pesquisa (Cap I), se segue de uma análise ética e teológica.

A argumentação teológica é importante a medida onde ela fornece as motivações culturais impulsionantes para a transformação necessária das mentalidades e das estruturas. “ Se essa Encíclica se abre ao diálogo com todos para buscar o conjunto de caminhos de libertação, e eu desejo mostrar desde o início como as convicções da fé oferecem aos cristãos e também a outros crentes, grandes motivações para a proteção da natureza, dos irmãos e irmãs os mais frágeis” (LS, 64). Além disso, essa argumentação teológica é sempre situada em diálogo com as outras disciplinas [[21]](#footnote-21). A disposição dos capítulos onde alternam análises sociais e contribuições da tradição cristã manifesta essa vontade de discussão, como a retomada dos quatro princípios que “constroem um autêntico caminho para a paz” (EG,221) testemunha de um problema de “admissibilidade” desse ensinamento e seu desejo de entrar / manter um “processo” dialogal[[22]](#footnote-22).

Os argumentos teológicos são de três naturezas, eles seguem uma lógica teológica trinitária: a terra é um dom de Deus dado a todos, o Evangelho nos convida a um novo estilo de vida, o Espírito de Deus habita esse mundo e obra novos caminhos. São engajamentos ecológicos que devem nascer dessas convicções (LS, 64)[[23]](#footnote-23).

1. A Terra, dom de Deus Criador

A primeira dimensão, muito desenvolvida no Cap II intitulado “ o Evangelho da criação”, é que a terra é um dom de Deus cujo ele é o Criador. A capacidade do ser humano de transformar a realidade “deve se fazer sobre a base do dom das coisas feitas por Deus a orígem” (LS,5). “A terra nos precede e nos foi dada” (LS,67), Deus só é o proprietário e Ele nos a confia para “guardar”, isto é “proteger, salvaguardar, preservar, cuidar e monitorar” (LS,67). Se cada ser humano foi criado por amor, a imagem e semelhança de Deus, isso le confere também a responsabilidade de cuidar das relações fundamentais intimamente ligadas entre elas sobre as quais o Papa volta várias vezes: a relação com Deu, com o próximo, com a terra (LS,66), assim que a relação consigo mesmo (LS,70).

A destruição dessas relações se chama pecado que toca o planeta como os pobres. Isso convida então os seres humanos a respeitar a criação com suas “leis internas” e a considerar que todo ser vivente “tem um valor próprio” (LS,69). O dom da Lei divina é também um meio de assegurar o equilibrio entre os seres humanos e com a terra onde eles vivem e trabalham como indica a legislação do Shabbat, do ano sabático ou do Jubileu (LS,71). A teologia da criação implica desde o começo uma dimensão social. A transgressão dos limites afeta toda a criação[[24]](#footnote-24). Esse chamado de Deus criador é acompanhado de um chamado de contemplação da criação ou cada criatura é revelação e manifestação do divino (LS,85), um reflexo de sua presença (LS,88).

1. O chamado a um estilo de vida Evangélica

A segunda instância teológica é sobre o chamado a um “novo estilo de vida “ (LS,16) inspirado do Evangelho e da vida de Jesus, em contradição com o “estilo consumista” (LS,204) com seu modo de “produção e de consumação” (LS, 23-59) ligado ao paradgma hemogênico e unidimensional da teconociência (LS, 106-108). A especificidade cristã desse estilo de vida alternativa (aquele todos os crente ou não são chamados - LS,208), foi desenvolvida na *Evangelii Gaudium* quando o para lembra que a proposição do Evangelho “ é a proposição do Reino de Deus (Lc,4,43); se trata de amar Deus que reina no mundo. A medida onde ele consegue reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade , de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG,180). O seio dos “estilos de vida” que formam o nó de nossas culturas, que definem como “a maneira própria onde os membros de uma sociedade tecem relações entre eles, com as outras criaturas e com Deus” (EG,115)[[25]](#footnote-25), o Evangelho chama a viver sob “ o princípio do primado da Graça” (EG,112), uma maneira de viver a forma última se encontra dento do itinerário de Jesus e onde o “dom sobre a cruz” constitui “o cume” (EG,269). Esse estilo evangélico, que responde ao dom de Deus pelo dom de si, é uma chamado a “tomar o cuidado da fragilidade do povo e do mundo dentro o qual nós vivemos”(EG,216).

Laudato Si desenvolve dentro da dupla escuta do grito dos pobres e do grito da terra (LS,49)[[26]](#footnote-26). Tudo como ele fará com *Amoris Laetitia* (Cap III), o Papa Francisco nos convida a adotar o “o olhar de Jesus” para nos lembrar que nós somos todos filhos de uma mesmo Pai, para ser atentos a dignidade dos seres, a beleza do mundo e a viver em harmonia com a criação (LS, 95-98).

1. O Espírito que anima e dá esperança

A terceira dimensão teológica desenvolvida pelo Papa nasce das duas primeiras. Ela faz referência a presença do Espírito no mundo. É notadamente o Cap VI sobre a espiritualidade ecológica que desenvolve esse aspecto. Si a análise da situação leva ao aumento de um sentimento de insegurança que “ a seu tempo alimenta as formas de egoísmo coletivo” e o perigo para as pessoas de se tornarem “autoreferenciais”, de “se isolarem em sua própria consciência” e de “aumentar sua voracidade” (LS,204), o Papa deseja que os seres humanos possam novamente “optar de novo pelo bem e se regenerarem” (LS,205) e constituirem sua dignidade. Dentro dessa exigência de saida em direção ao outro (LS,208), uma dimensão educativa e mística é engajada.

Portanto a conversão ecológica pode se apoiar sobre a convicção que “ressuscitado, o Cristo habita no fundo de cada ser humano, lhe cercado com saua afeição como lhe penetrando com sua sua luz” (LS, 221) e que “em toda criatura habita seu Espírito vivificante que nos chama a uma relação com ele” (LS,88). Esse Espírito é fonte de Esperança e de criatividade porque ele “enche o universo de pontencialidades que permitem que , do seio mesmo das coisas, alguma coisa nova pode surgir” (LS,80). Ele é fonte de amor e de alegria. Ele nos convida a “encontrar Deus em todas as coisas” (LS,233). Quanto aos sacramentos eles unem o céu e a terra , eles atualizam um “germe de transformação definitiva” dado pelo Verbo encarnado (LS,235) e nos coloca na perspectiva de cumprimento de toda a criação de Deus (LS,236).

O Papa resume ele mesmo essa argumentação trinitária nos últimos números do Capítulo: “ O Pai é a última fonte de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O Filho, que o reflete, e para quem tudo foi criado, se uniu a essa terra quando foi formado no seio de Maria. O Espírito, vínculo infinito de amor, e intimamente presente no coração do universo, lhe amando e suscitando novos caminhos” (LS,238).

Ao final as relações trinitárias são o exemplo mesmo das relações que é necessário reconstituir entre nós e com a criação (LS,240), e isso é possível porque toda critatura traz nela “ uma estrutura propriamente trinitária” (LS,239). O mistério de Deus, o mistério da criação e o mistério do homem encontram aqui um ponto de convergência.

**Conclusão : um chamado a fé exigente e humilde**

“Os gemidos da terra se somam aos gemidos dos abandonados do mundo, dentro de um clamor exigente de nós por uma outra direção “ (LS,53). Tal é a mensagem central o Papa quer nos fazer escutar para nos colocar em movimento, nos convidar a conversão. “ A la vez alegre e dramática” (LS,246), a Encíclica do Papa Francisco impressiona pela profundidade de suas análises, por seu ponto de vista e vigor de seu chamado para uma mudança de modo de vida e de maneira de pensar. Mas é também dento de seu estilo simples, aberto as contribuições de todos os saberes e de todas as partes do mundo para um discurso acessível além das fronteiras da Igreja, que se manifesta o desejo de diálogo que ele deseja instaurar para afrontar com todos os desafios da crise ecológica e social.

De maneira significativa, o Papa termina sua Encíclica com uma dupla oração, uma para os crentes em um Deus criador, uma pelos Cristãos. Essa necessária conversão de corações e atitudes em vista de uma ecologica integral não se fara pela força do punho mas dentro , mas a partir de um principio comum de diálogo e de escuta das fontes de todas as tradições espirituais a nossa disposição. Por seu conteúdo e por seu tom, esse início ilustra com gora a contribuição essencial das religiões, e entre elas o cristianismo, podem contribuir ao debate público mundial ( LS,63) que exige a salvaguarda de nossa casa comum.

Alain Thomasset, sj.

Bibliografia:

Berry , R. J. (ed.), *Environmental Stewardship. Critical Perspectives – Past and Present,* New York: T&T Clark, 2006.

Bour, D. g et Roch, Ph. *Crise écologique, crise des valeurs*, Labor et Fides, Genève, 2010.

Guardini,R. *Das Ende der Neuzeit*, Hess Verlag, Basel, 1950, (Èdition française *La fin des temps modernes*, Seuil, Paris, 1952).

Guridi,R. sj, "Laudato Si: el deber cristiano hacia nuestra casa común", In: *M*ensaje n°641, 2015, p.18-23.

Theobald , C., « L’enseignement social de l’Église selon le pape François », In : Bertrand Hériard Dubreuil (ed.), *La pensée sociale du pape François*, Ceras, Lessius, 2016, p. 12.

Documentos Pontifícios

Jean XXIII, *Pacem in terris*, Carta Encíclica , 1963.

Paulo VI, « Discurso a ocasião do 25e aniversário da FAO »,In: *AAS* 62 (1970), p.830-838.

\_\_\_\_\_ , *Populorum progessio*, 1968.

João Paulo II, «A paz com Deus criador, a paz com toda a criação  », Mensagem para jornada mundial da paz em 1990.

Bento XVI «  Se tu queres construir a paz » Mensagem para a Jornada Mundial da paz 2010.

\_\_\_\_\_ , *Caritas in veritate* (2009).

Francisco, *Carta Encíclica Laudato Sí . Sobre salvaguardar a casa comum*. Libreria Editrice Vaticana, mai 2015. .

Declarações

Conferência dos Bispos de França, *Enjeux et défis écologiques pour l’avenir*, Bayard, Cerf, Mame, 2012.

Comissão Ecumênica Europeia, *Paix et justice pour la création entière*, Cerf, Paris, 1989.

Declaração comum do Santo Padre João Paulo II e do Patriarca ecumênico da Santa Sé Bartolomeu I, em 10 de junho de 2002. Disponível em : juin 2002 : https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/fr/speeches/2002/june/documents/hf\_jp-ii\_spe\_20020610\_venice-declaration.html

1. Papa Francisco, *Carta Encíclica Laudato Sí . Sobre salvaguardar a casa comum*. Libreria Editrice Vaticana, mai 2015. . [↑](#footnote-ref-1)
2. A tradução francesa « salvaguarde » não dá inteiramente o sentido de « cuidado » que se trata de se exercer a respeito da nossa casa comum (em Inglês : *care*, Espanhol: *cuidado*, em Italiano: *cura*). [↑](#footnote-ref-2)
3. Esse texto retoma parcialmente e desenvolve ( na primeira e segunda parte ) a introdução geral escrita por Alain Thomasset et Grégoire Catta, para a Edição *Laudato Si’* apresentada e comentada pela equipe do CERAS, Éditions jésuites, Namur, Paris, 2015, p. 11-22 [↑](#footnote-ref-3)
4. Jean XXIII, *Pacem in terris*, Carta Encíclia, 1963. [↑](#footnote-ref-4)
5. « É um texto fundamental e de incrível reconforto (…) Essa Encíclica é para mim um instrumento precioso para sustentar as mobilizações internacionais em curso. O pão bento, ouso eu dizer »,Nicolas Hulot, quando esteve ainda como enviado especial do governo para a proteção do Planeta , ver o Dossiê « Laudato si’ » no site www.pelerin.com. Também Edgar Morin destaca que : « A Encíclica Laudato Si’ é talvez o ato de um chamado a novas civilizações », em : *La Croix*, du 21 juin 2015. [↑](#footnote-ref-5)
6. Ver reunião ecumênica europea de Bali em *Paix et justice pour la création entière*, Cerf, Paris, 1989. Desde 1989, o 1er de setembro que é o inicio do ano litúrgico para a Igreja Ortodoxa , se tornou um dia de oração para a Criação, em virtude de uma Encíclica do Patriarca Dimitrios. [↑](#footnote-ref-6)
7. Declaração comum do Santo Padre João Paulo II e do Patriarca ecumênico da Santa Sé Bartolomeu I, em 10 de junho de 2002. Disponível em : juin 2002 : https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/fr/speeches/2002/june/documents/hf\_jp-ii\_spe\_20020610\_venice-declaration.html [↑](#footnote-ref-7)
8. Paulo VI, « Discurso a ocasião do 25e aniversário da FAO »,In: *AAS* 62 (1970), p.830-838. [↑](#footnote-ref-8)
9. João Paulo II, «A paz com Deus criador, a paz com toda a criação  », Mensagem para jornada mundial da paz em 1990 ; Bento XVI «  Se tu queres construir a paz » Mensagem para a Jornada Mundial da paz 2010. [↑](#footnote-ref-9)
10. Conferência dos Bispos de França, *Enjeux et défis écologiques pour l’avenir*, Bayard, Cerf, Mame, 2012. [↑](#footnote-ref-10)
11. Theobald , C., « L’enseignement social de l’Église selon le pape François », In : Bertrand Hériard Dubreuil (ed.), *La pensée sociale du pape François*, Ceras, Lessius, 2016, p. 12. [↑](#footnote-ref-11)
12. O termo « ecologia integral » está nos números 10, 11, 62, 124, 137, 159, 225, 230 e todo o Cap. IV (137-162) que leva este título. [↑](#footnote-ref-12)
13. Paul VI, *Populorum progessio*, 1968, n°42 : « É um humanismo pleno que é necessário promover. É que quer dizer senão o desenvolvimento integral de todo homem e todos os homens? » [↑](#footnote-ref-13)
14. Guardini,R. *Das Ende der Neuzeit*, Hess Verlag, Basel, 1950, (Èdition française *La fin des temps modernes*, Seuil, Paris, 1952). [↑](#footnote-ref-14)
15. Conhecemos a crítica iniciada pelo artigo de Lynn White e a frenquente retomada dos ecologistas, «  raízes históricas da ecologia » ou o autor veria no relato do Gênesis a fonte de uma visão da naturaza posta a serviço do homem. Ver : Bour, D. g et Roch, Ph. *Crise écologique, crise des valeurs*, Labor et Fides, Genève, 2010. [↑](#footnote-ref-15)
16. A noção de administrador responsável vem do Inglês *steward et stewarship* (administration). Ela foi retomada por um número de teólogos, inicialmente norte americanos para descrever a relação de humanidade com o resto da criação. Ela não é contudo sem ambiguidades, a media que para alguns ela guarda um forte acento antropocêntrico.Ver : Berry , R. J. (ed.), *Environmental Stewardship. Critical Perspectives – Past and Present,* New York: T&T Clark, 2006. [↑](#footnote-ref-16)
17. A palavra diálogo está em vários números 3, 14, 47, 60, 62-64, 121, 143, e no Cap. 5 ( 163-201) que se coloca sobre “ as vias do diálogo”. Em *Evangelii Gaudium*, o Papa já destaca esse lugar do diálogo na construção da Paz (EG 238 e 258) . Atrás dessa instância há toda uma Eclesiologia que é em questão onde “ Igreja que se faz diálogo”. Ver : Paul VI, *Eclesiam suam*, n°67). [↑](#footnote-ref-17)
18. Sobre a égide do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUD), a Convenção de Viena para a proteção da camada de ozõnio, adotou em Março de 1985. Em 28 de outubro de 2017, 197 partes tinham aprovado ou ratificado a Conveção de Viena. [↑](#footnote-ref-18)
19. Essa instância sobre o diálogo sincero será coloca em obra pelo Papa no seio das duas Assembléias Sinodais sobre a Família de 2014 e 2015. [↑](#footnote-ref-19)
20. Ver Bento XVI *Caritas in veritate* (2009), n°2 : « O amor é o princípio não somente de micro-relações : relações amicais, famliares, pequenos grupos, mas é igualmente das macro-relações : relações sociais , econômicos e políticos” . No nr. n°7 : « Trabalhar em vista do bem comum significa de uma parte tomar o cuidado, e de outra servir o conjunto das instituições que estruturam juridicamente, civilmente e culturalmente a vida social que toma assim forma de *pólis*, de cidade ». [↑](#footnote-ref-20)
21. Papa Francisco, LS, 62 « A ciência e a religião que propõem aproximações distintas da realidade, podem entra rem diálogo intenso e fecundo para todos os dois ». O tema do diálogo entre religiões e ciências volta no Cap V, e é desenvolvido nos números 199 à 201. Em LS, 63 : « O pensamento católico está aberto ao diálogo com o pensamento filosófico » (63). [↑](#footnote-ref-21)
22. Os quatro princípios enunciados em Evangelii *Gaudium* que são princípios de orientação para «o desenvolvimento da coabitação social e a construção de um povo onde os diferentes se harmonizem dentro de um projeto comum» (EG 221) são retomados em LS. « O tempo é superior ao espaço » (178), «a unidade é superior ao conflito » (198), « e tudo é superior a parte» (141), « a realidade é superior a ideia » (110, 201). [↑](#footnote-ref-22)
23. Para uma outra reprsentação das linhas de argumentação teológicas e uma retomada crítica dos argumentos ver : Guridi,R. sj, "Laudato Si: el deber cristiano hacia nuestra casa común", In: *M*ensaje n°641, 2015, p.18-23. [↑](#footnote-ref-23)
24. Notemos que o termo « limite » é estruturante do texto da Encíclica, a la vez do sentido de finitude e da rejeição de todo poder do homem (75) criticando o mito moderno do « progresso material sem limites » (122), mas também dentro do sentido de recusar o individualismo de um indivíduo debilitado, isolado ou excluído, isto é sem relações. [↑](#footnote-ref-24)
25. Nós retomamos aqui as três ou quatro relações essenciais fundamentais do ser humano que são desenvolvidas na *Laudato Sí.* [↑](#footnote-ref-25)
26. Como destaca Christoph Theobald, *(op. cit*, p. 17.) : é a Escritura que permite fazer vínculo entre o Evangelho e Reino de Deus (EG) e o Evangelho da Criação (LS) . « O primeiro não pode existir dentro do segundo que le precede discretamente, porque Deus reina dentro do mundo, sobre uma terra que ele mesmo já criou, esperando que a acolhida efetiva por parte dos homens transforme a vida social em espaço de fraternidade, justiça, paz e dignidade para todos (EG, 180)”. [↑](#footnote-ref-26)